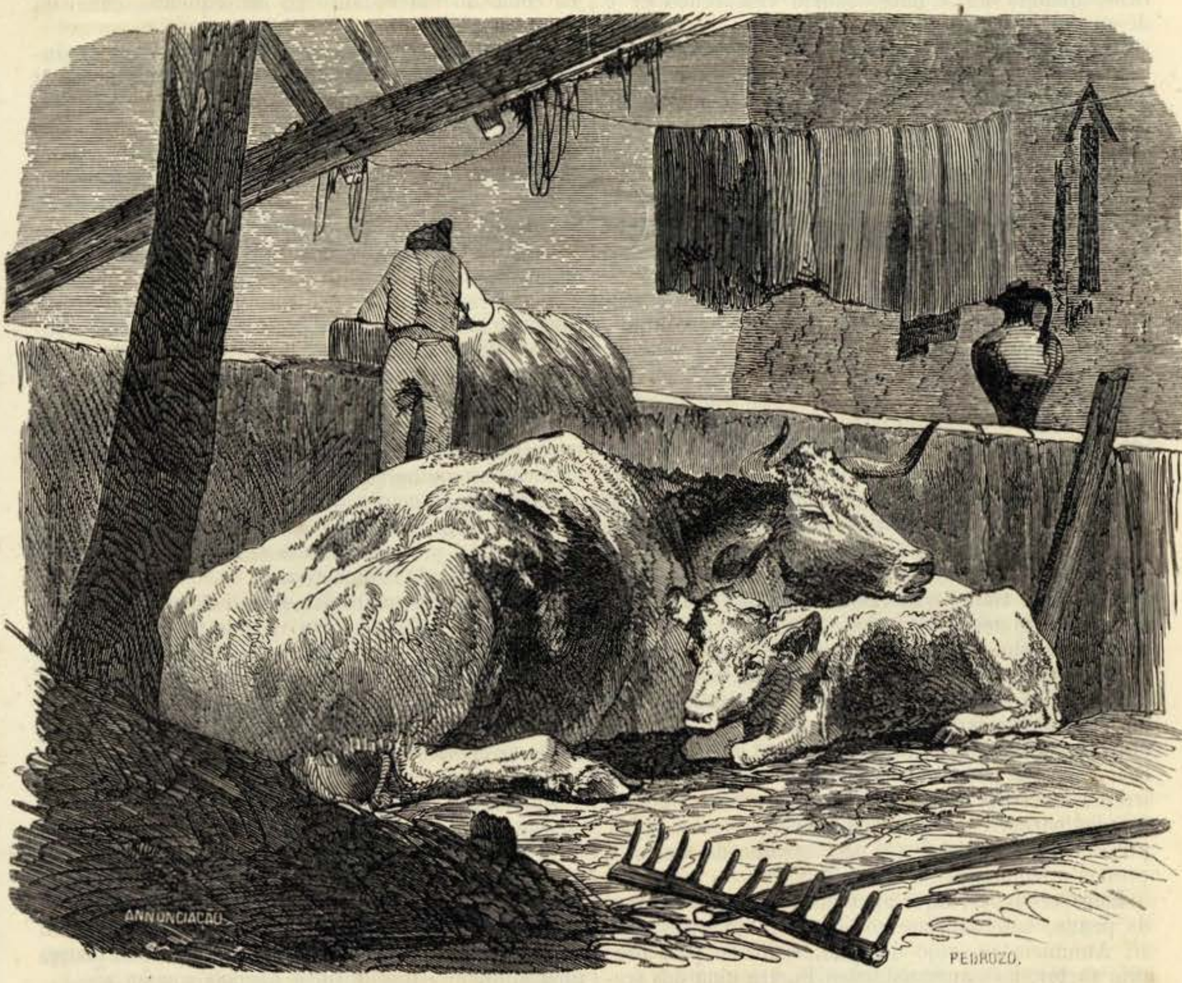


A arribana. — Desenho d'Annunciação. — Gravura de Pedroso.

O amor não é um patrimonio exclusivo da humanidade. Reina sobre todas as producções que fazem o esmalte mais brilhante e colorido, a vida mais sensivel e palpitante d'este mysterioso cosmorama a que chamâmos natureza. É a alma da propagação, do movimento continuo de todos os seres animados que povoam o globo. Namoram-se os seres humanos, namoram-se os animaes, namoram-se as flores.

Os antigos iam mais longe. Os paes da fabula diziam que o amor havia sido a origem de todas as cousas. Esta proposição mostra, pelo menos, que a sciencia d'aquelles tempos foi muito mais microscopica do que a de hoje.

Todos nós sabemos que é pelo amor que nos propagâmos, ou como nos propagâmos por causa do amor; observâmos todos as festas e carinhos com que, entre os animaes, o macho, em vendo femea da sua especie, prepara um assalto amoroso; ninguem deixa de sentidamente reconhecer e manifestar religiosa admiração, exclamando « louvado seja Deus! » pela dedicação, constancia e amor com que a femea cria seus filhos, e heroico valor com que os defende do perigo; quem chegou aos elementos da botanica, ficou sabendo a poetica maneira por que as flores se namoram, se correspondem, e fecundam a distancias infinitas; mas o que, realmente, se não pôde conceber ainda nos tempos modernos, é como as pedras se namoram e multiplicam pelo amor.

Muitas perguntas tenho eu a fazer no juizo final, se, por ventura, n'esse dia for concedida aos réos a palavra sobre as obras de cada um, especie de clemencia que me parece provavel, necessaria mesmo, porque apparecendo forçosamente muito peccado cuja origem venha, como se diz, de traz, de justiça é que nos deixem desculpar uns com os outros.

Isto é uma observação entre parenthesis.

Porque o amor é a historia da cabeça e do coração; porque o amor é a physiologia intima da humanidade, dos animaes e das flores; porque o amor é a vida; largo caminho tem elle sempre aberto para a penna do poeta e palheta do pintor; para a penna e palheta dos descobridores d'esses vastissimos mundos do sentimento, com que a rigorosa, a theorica, a logica, a concludente philosophia não atinou ainda nas estiradas derrotas da sua profunda metaphysica.

Ás faculdades do espirito e do coração mais generosas e elevadas acordaram ás harmoniosas vibrações da lyra; sentiram-se, animaram-se, principiaram a viver e a desenvolver-se na contemplação da natureza exemplificada pelos milagres do pincel. Os primeiros murmurios da moral nasceram nos labios do poeta e na tela do pintor. D'ahi começou, pela harmonia dos sons e pela magia do colorido, a captivar os corações. E quer o poeta e o pintor vão auscultar a abobada celeste, quer escolham na superficie da ter-

ra, as scenas que nos mostram são sempre novas, sempre uma revelação, sempre tocantes, sempre patheticas, quando um e outro sabem comprehender e desempenhar a sua missão.

Que notavel, poetico, tocante e profundamente moral, não é o triumpho com que a pintura de genero confunde e esmaga o nosso exaggerado egoismo de raça, descobrindo nas scenas que, na natureza, passam inapercebidas pela nossa abstracção, ou desmedida preoccupação de nós proprios, o fogo que nos inflamma a caridade e a sympathia pelos animaes, cujas affeições e uteis serviços pagâmos com injustificavel desprêzo e, na maioria das vezes, com crueldade!

A logica e a metaphysica do pincel, mais correctas, porque se ligam ao rigor das fórmas naturaes, mais vigorosas e eloquentes, porque copiam fielmente a expressão da vida real, do que a logica e metaphysica das sciencias especulativas e abstractas, que buscam o nervo da deducção no vago das concepções hypotheticas, maravilhando-nos pela verdade da imitação, levando-nos naturalmente á analyse minuciosa das partes, á apreciação do todo e da idéa, convence-nos, identifica-nos com a alma do pintor, arrojam-nos, finalmente, no vôo da inspiração para as regiões do sentimento, onde o artista temperou as tintas que ressumbram na téla a vida e o amor dos seres animados.

Ainda tenho presentes a sensação e as reflexões que me produziram dois quadros d'aquelle genero de pintura. Um representava um cão exhalando o ultimo suspiro da saudade sobre o tumulo do dono, e outro uma cadella agonizando, com os olhos fixos no ceo, como se pedisse misericordia, no desespêro da irremediavel dor de não poder salvar seus filhinhos levados na corrente d'uma inundação, por se achar presa a uma cadeia fixa á sua casinha de madeira, prestes a submergir-se com ella.

Estas reflexões, aqui apontadas no rapido correr da penna, nasceram-me ao observar um quadro do sr. Annunciação, cujo desenho, reduzido pelo proprio auctor, hoje apresentâmos. Figura uma das scenas do amor maternal da vacca.

O novilho acabou de mammar. Toca, portanto, a repousar e a dormir. Melhor logar para isso não o ha que não seja junto á mãe e conchegado ao coração. A expressão carinhosa e d'intima satisfação, e cuidado com que a vacca, então, para não molestar o filhinho, lhe pousa, apenas, a cabeça sobre o dorso, está admiravelmente entendida e representada, e revela, assaz, a quão intelligente e profundo estudo se ha entregue o artista, cujas muitas obras ornam já a galeria escrupulosa de s. m. el-rei D. Fernando e os gabinetes dos amadores.

NOGUEIRA DA SILVA.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DE FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

II.

O ORGULHO.

I.

Para que depois da *educação* damos cabida ao *orgulho?*

Porque o manda a logica.

É o orgulho um elemento tão subtil, como o ar; tão subtil, que penetra com dolorosa frequencia nas regiões da alma por essa porta de ouro que denominâmos modestia.

Quando essa porta está aberta, o orgulho não é ar: é furacão. E como d'essa porta só a *educação* tem a chave, d'ahi procedemos n'estes dois capitulos como do antecedente ao consequente, como da causa ao effeito.

A alma da mulher dorme por muitos annos. Quando desperta, lança vista de assombro em torno de si, e acha tudo pequeno.

No cerebro da mulher cabe todo o pensamento elevado; no seu coração todo o sentimento nobre; porém nem o cerebro nem o coração lhe estão de ordinario preparados para elaborar esses pensamentos elevados, para dirigir esses sentimentos nobres.

Então a mulher não está educada; e não o estando, emprega a actividade do espirito em comparar a consideração que merece ao mundo, ella que se estima em muito, e a consideração que ao mundo merece o ultimo dos homens.

D'essa consideração e d'essa comparação brota o orgulho.

Todavia, o orgulho, que costuma ser uma enfermidade epidemica dos homens, é só uma doença endemica das mulheres.

Como este principio, que está mui proximo de axioma, póde attrahir o desagrado e ainda a sanha de algum critico, procuraremos distrahil-o com duas perguntas um tanto inopportunas.

É a mulher no cathecismo da vida o oitavo peccado capital, ou é a quarta virtude theologal?

É verdade que na cadeia invisivel que ao ceo une a terra, a mão da mulher está apertada á do anjo, e a mão do homem á melena do leão?

Se o critico podér responder satisfactoriamente, desde já cessaremos, por inuteis, nas investigações que nos propomos.

Entretanto, tomâmos a liberdade de continuar.

Sabe mais, no entender de alguns, quem tem folheado o livro mysterioso que se chama mulher, do que quem consome a vida entre o honroso pó das bibliothecas.

E na verdade assim é.

Não ha sabio a quem não possa dizer com justiça uma mulher: «Insensato, a sciencia sou eu.»

Não ha homem que não traga alguma historia escripta na alma, ou algum retrato gravado no coração.

Não carece, pois, de fundamento, em these geral, o orgulho da mulher.

Se o orgulho é, como diz Casti, a hydropisia moral das cabeças humanas, é forçoso convir em que o sexo feminino se acha horrivelmente atacado d'essa grave enfermidade.

Não ha nada mais difficil que saber ter orgulho. O orgulho sae á superficie muita vez por excesso de humildade; e então apparece mais repugnante, porque se complica com a hypocrisia.

Não negaremos que, em dadas occasiões, é o orgulho a melhor sentinella do pudor; porém não causa grande edificação nem offerece grande segurança a virtude que, para conservar-se, ha mister que a custodie o vicio.

Entre a dignidade e o orgulho ha a mesma similhança, que entre a chamma que allumia e a chamma que queima.

A modestia exaggerada é a medianeira que separa aquelles dois sentimentos.

A mulher francamente orgulhosa é mil vezes preferivel á mulher hypocritamente modesta.

Para destruir o orgulho é força atacal-o nas bases fundamentaes — a belleza e o nascimento.

II.

É justo, porém não de todo intoleravel, o orgulho que se funda na belleza.

Tyrannia de curta duração chamou Socrates á belleza; de engano mutuo, qualificou-a Theophrasto; mal bellissimo, é-o no conceito de Theocrito.

Somos indifferentes.

Digam o que quizerem os philosophos; mas a belleza é a arma poderosa com que o sexo debil neutralisa de certo modo a sua fraqueza.

Se fossem ingenuos os philosophos, confessariam de bom grado que ás vezes dariam, pelo olhar unico da mulher, toda a doutrina de Descartes, e ainda as theorias de Platão.

A proposito. Este Platão dos philosophos recebe culto com frequencia entre os namorados.

Cousa rara! A philosophia e o amor tem pontos de contacto.

A historia de todos os povos encerra infinitas paginas escriptas ao clarão dos incendios e das devastações. Esses incendios deveram quasi sempre a sua origem a uma só faisca: á faisca desprendida dos olhos da mulher.

Se o guerreiro lucta com heroismo, se o artista pede e alcança torrentes d'inspiração, se em meio da sua soberba o cortezão mendiga honras, de certo esperam, mais que os applausos do mundo, o doce sorriso d'uns labios de coral.

Que seria Apollo sem Daphne? Que seria o Dante sem Beatriz? E que seria Petrarca sem a sua Laura?

Disse o grande Shakespeare que a mulher é um manjar digno dos deuses, quando não o guisa o demonio.

E é verdade; porém não o é menos, que o demonio não entraria na cozinha as mais das vezes, se o homem lhe não abrisse a porta.

Ao homem se deve, effectivamente, a idéa que a mulher fórma de sua belleza, e os extravios a que de ordinario se conduz.

Se algumas mulheres se convencessem de que a formosura é a primeira prenda que a natureza lhes dá, e a primeira que lhes tira, não levariam ao extremo a sua idolatria pessoal.

Como pelo geral não educam as mulheres, não as ensinam a occupar-se dignamente dos outros, tem de occupar-se *modestamente* de si proprias; e como a belleza é o dote que julgam de mais preço, convertem para ella a sua pasmosa actividade; os meios de acrescentar os seus attractivos são a sua questão capital.

Innocentes! Sem duvida ignoram que toda a belleza, por soberana que seja, toca com as plantas na terra.

Em que consiste a belleza?

Segundo o africano, na descommunal dilatação da boca; segundo o brazileiro, na fórma e proporções do nariz; segundo o chin, na admiravel pequenez do pé; para os haitienses não ha maior graça do que o assetinado reluzente da tez; na Hollanda mede-se a belleza na razão directa da estatura; em Napoles, vice-versa. N'uns paizes da Europa attribuem todo o merito á côr rosada, que realçam com o seu olhar aprazivel uns olhos do ceo, pelo matiz e a doçura. N'outros paizes occupam o throno das formosas os typos esveltos de tez morena; morena, porque a requeima o fogo de uns olhos negros ou garços, aonde reflecte a aurora os seus mais brilhantes fulgores.

Deducções.

A belleza não é uma. Existem muitas mulheres bellas, que todavia não se parecem entre si.

Ha mulheres que não são bellas, absolutamente fallando, e comtudo põem á prova os corações de melhor tempera: tão certo é que a formosura não só consiste na excellencia dos dotes pessoaes, mas na impressão que acertam causar.

Ha quem explique a belleza de fórma mathematica por uma serie de enumerações, que seriam sómente ridiculas, se ás vezes não merecessem outra qualificação.

As chamadas graças naturaes vêem-se, admiram-se, mas não se descrevem; não as confundam, comtudo, com a graça; as graças são naturaes, a graça é de ordinario adquirida; aquellas recebem-se de Deus, esta procede da arte.

O orgulho que se revela muitas vezes de entre as graças do rosto prejudica notavelmente a impressão; é uma especie de *graça* contraproducente.

A mulher que póde captivar, sem se aperceber d'essa supremacia, tem de ordinario garantido o seu triumpho.

A que se propõe cuidadosamente adquirir por direito de conquista, e desenvolve com o affecto todos os utensilios de guerra, consegue dois fins; demonstrar que não está certa dos seus proprios recursos, e avisar para a defesa o inimigo. No primeiro ha uma injuria a si propria; no segundo um mal indesculpavel.

É maxima mui acreditada entre o vulgo, que as mulheres pouco favorecidas pela natureza com dotes de formosura, tem a sufficiente habilidade para fazer-se amar pelo seu caracter.

É falso. Não ha uma mulher sequer que se ache convicta e confesse de que não é bella, ou, pelo menos, engraçada; mal podem, portanto, buscar meios accessorios, quando todas se julgam providas dos principaes.

Se a uma mulher *desgraçada* envia qualquer estouvado uma phrase de adulação, funda n'ella mais fé do que no testimunho unanime de todos os espelhos que até áquella data tivesse consultado.

E é natural. O orgulho, lemos n'um auctor celebre, põe-nos á mercê de qualquer que se dê ao incommodo de lisonjear-nos.

Nada ha, pois, mais indeterminado do que a idéa da formosura.

Ensaiemos fixal-a.

A formosura é uma flor louçã, que brilha no jardim da vida; o aroma d'essa flor é a virtude.

Se a flor não tem aroma, quando um sopro do vento a desfolhou, ou um raio do sol ha vindo emmurchecel-a de suas côres tão bellas, de sua frescura e louçania só fica sêcca a hastea.

Se tem aroma a flor, bem póde roubar-lhe folhas o vento; bem póde o sol crestal-a; o aroma não se extingue, diffunde-se no vendaval, eleva-se até á região do firmamento, transpõe a esphera azul, e confunde-se mais além das estrellas com os perfumes celestiaes da santidade.

(Continúa).

BRITO ARANHA.

O QUE É UM PETISCO SOCIAL.

Houve, ha e haverá sempre, talvez, quem diga que a sociedade está em manifesta contradicção com a natureza. Tão erradissima proposição achada no isolamento dos subterraneos para onde os philosophos por excellencia d'outr'ora iam consubstanciar a sua melancholica phantasia e discutir comsigo mesmos as sonhadas desharmonias sociaes, saiu um dia para o ar livre fallando tanto ao *intimo* dos desventurosos, que mui facil e rapidamente penetrou nos corações e se constituiu em proverbio universal.

Pois eu, e mais não sou dos eleitos da fortuna, não approvo o universal proverbio, que reputo girando fóra de todos os eixos da analogia e dos factos.

Eu vou até ao extremo diametralmente opposto, e proponho, e affirmo, e demonstro que é a sociedade que coordenou as leis da natureza, e lhes mantem o seu justo equilibrio.

Sem a sociedade, sem esse engenhoso artificio que tudo remove para tudo collocar no seu verdadeiro logar, a natureza andaria, como já andou, como anda ainda por muitas partes, errante, deslocada e esperdiçando-se assaz.

Tenho para mim que a sociedade é para a natureza o mesmo que o tempo e as estações são para os fructos.

Desenvolve-a e amadurece-a.

No estado selvagem, quer dizer, n'um estado ainda não sazonado pelos beneficos e prodigiosos influxos da sociedade, os homens crescem, vivem e morrem como nascem. O germen fecundissimo das vocações, com profusa e occulta mão plantado na raça humana, na vida do solitario não passa d'um incognito e enfezado embryão que jámais rebenta ou dá signal de si.

Um habitante das florestas virgens é a expressão genuina, physica e moralmente fallando, de qualquer dos seus companheiros, isto é, prototypo invariavel de raça, de nacionalidade, de vida, de semsaboria e monotonia.

Esta collecção variada, colorida e interminavel de typos que a cada hora distillam das reacções sociaes, e que mais particularmente desenham o estado civilisado, não existe entre os selvagens. Por isso estes se olham sem espanto, sem curiosidade, sem prazer nem desgosto.

Na sociedade, que differença!

N'esta é raro o homem que vive como nasceu, e que morre como viveu.

Não ha vocação que, ao despregar das emanações sociaes, não rebente grossas e alentadas espigas! Por muitas razões duvido que um selvagem conceba a idéa ou nutra o desejo de ser deputado, barão, ministro ou conselheiro, e ainda mesmo, na falta d'essas razões, seria decidida e inviolavelmente impossivel imaginar como o conseguiria.

Um cidadão, porém, póde conceber todas as cousas, e ser concebivel até pelos modos menos imaginaveis.

Leva-lhe essa prodigiosissima vantagem.

Um labreguito, por exemplo, que se achou de tamancos e a pesar manteiga, o que aliás é um emprego como qualquer outro, mas a quem uma vocação scientifica e aristocratica, despertada pelas apotheoses dos homens notaveis, que nas horas vagas leu nas paginas ensebadas d'um alfarrabio que o patrão comprou a pêso, lhe está lá dentro a crepitar, aconselhando-o a que troque os tamancos por um capello, e o balcão pela tribuna parlamentar, não assenta se pedir ao pae que o mande para Coimbra, onde irá desbancar os rapazes *finos* que virão para Lisboa passear os estudos, como os tisicos passeiam o classico e heroico leite de burra, em quanto elle é acclamado deputado pelos seus patricios e prepara um futuro de nobrezas e riquezas.

É um embryão que espiga.

Na sociedade cada individuo será, e é evidentemente o prototypo de si proprio, mas de mais ninguem. Ajuizar d'um cidadão pelos caracteres ou habitos d'outro, equivale a querer medir o pêso d'uma certa porção d'agua pela vara. Por isso se diz: *ninguem julgue pelas apparencias*. E é verdade. Quem não observar este logico preceito, arrisca-se a cair na gravissima heresia de tomar ora um barão por um bacalhoeiro, ora um refinado ladrão pelo mais honrado dos homens.

Ha classes que se denunciam. São aquellas cujas leis obrigam os individuos a permanente e rigorosa etiqueta. A essas pertence, por exemplo, a dos militares. Ha, porém, outras, e são as que mais abundam na sociedade e propriamente a constituem, onde cada um se molda em diversos cambiantes para conseguir os mesmos fins. N'estas, a mais difficil de conhecer é, por exemplo, a dos caloteiros. Um caloteiro amestrado não poderá lograr quem já primeira, segunda e terçeira vez caloteou; mas caloteia, com certeza, quem ainda o não conhece como tal, por mais fino que seja, até mesmo por muito que se previna, e, ás vezes, pertencendo á classe, isto é, sendo caloteiro tambem, como na maioria dos casos succede.

O embryão intellectual d'um individuo que na sociedade sabe ser o que é, lança umas poucas d'espigas.

No sertão e nos campos, que são uma especie de sertão, não ha senão uma mesma cousa para a gente, e é por isso que ahi um falla por todos e todos por um. Na sociedade ha milhares indefinidos de cousas para a gente, e ha gente para milhares indefinidos de cousas, e é por isso que ninguem n'ella responde pelos outros. Das limitadas circumstancias do primeiro caso nasce a unidade de ser e de estar, que caracterisa a monotona e somnolenta vida dos selvagens. Dos multiplices attributos do segundo rebentam essas numerosas espigas, que povoam o solo social, e lhe dão o variado matiz que tanto attrahe as vistas e faz com que andemos sempre a olhar uns para os outros.

Nos sertões e nos campos vive-se em permanente uniforme. Nas cidades anda cada um como póde e quer, d'onde resulta a caricatura do vestuario. Nos sertões e nos campos ninguem casa com quem não pertence á raça. Nas cidades casam-se todas as raças umas com as outras, atravessam-se, enviezam-se, cruzam-se e descruzam-se como querem, por onde querem, e para o que querem, sem temor de que o anathema social ou religioso lhes vá infamar a arvore genealogica. Casa o portuguez com a franceza, o allemão com a portugueza, o inglez com a allemã, e até casa o christão com a judia, d'onde resulta a caricatura da fórma. Nos sertões todos apanham fructos e caçam; nos campos todos se empregam em amanhar as terras. Nas cidades cada um busca o sól, a cuja luz prompta e abundantemente respigue o embryão das suas vocações. Este vae ser sapateiro, aquelle negociante; este outro procurador de causas perdidas e por perder, aquelle outro ministro, etc.; e quando se não está contente com uma cousa só, ou quando uma cousa só não dá para a receita, quer dizer, quando o embryão deita mais de uma espiga, póde-se escolher e ser muitas cousas do que se escolhe ao mesmo tempo, como, por exemplo, accumular as funcções de negociante, logista, empregado publico, barão e deputado, sem que por isso lhe accumulem as decimas; isto é, póde accumular sem ser accumulado, etc. Do que tudo resulta a caricatura do aspecto e da expressão. Nos sertões e nos campos não ha theatros. Nas cidades ha theatros por toda a parte: ha theatros publicos e publicissimos, theatros particulares e particularissimos. Ha o theatro que pagâmos para nos divertir: theatro publico. Ha o theatro onde todos sem excepção representam e se divertem reciprocamente pelo theatro das ruas e das praças: theatro publicissimo. Ha o theatro que se paga para divertir os outros: theatro particular. Ha o theatro domestico, que é a familia: theatro particularissimo. Da existencia de todos estes theatros resulta a caricatura d'acção, exemplo de todas as outras.

Ora cada uma d'estas caricaturas em acção constitue o que em phrase chula e vulgar se denomina um *petisco*, termo culinario, que significa, na sua ori-

ginal accepção, guizadinho appetitoso, que provoca o appetite, applicado significativa e chistosamente aos prototypos do ridiculo, porque na realidade provocam o appetite da satyra e da hilaridade. Querem um exemplo plasticamente textual? Eil-o aqui.



Mas não se riam, senão desconfia. Olhem que o criadinho, mais preoccupado de si do que da ama, por não estar acostumado a camiza d'onze varas, já lhe parece que mofam d'elle, e nos deita, como póde, por sobre a gola da incorrigivel casaca, n'uma furtiva transgressão das suas instrucções d'invariaveis olhos frentes, um olhinho investigador.

Querem a physiologia d'este, digo, d'esta senhora? Pelo amor de Deus! peço-lhes que me desliguem d'esse compromettimento. Indaguem-a particularmente, se tem muito empenho em a saber.

Contentem-se em olhar para a estampa, e dizer commigo: — Aquelle chapeo posto na cabeça com tanto cuidado para não perder a fórma com que ha dez annos veiu da modista, e desmanchar as marrafas; aquelle casabec de custoso veludo preto, que mandou fazer conjunctamente com o chapeo, ainda tão bem conservado, que parece estreado; aquelle immenso grilhão d'ouro que lhe pende no peito, sustendo um relogio com um brilhante de quartinho no centro da tampa; aquelle lenço dobrado symetricamente e cuidadosamente levado; aquella expressão firme e austera; aquelle andar grave, vagaroso e compassado; o fato d'aquelle lorpa, que, apesar de já haver sido envergado por mais d'uma duzia de criados, ainda conserva o brilho e até o assente das costuras com que veiu do algibebe; finalmente, o indispensavel acompanhamento do criadinho, ás vezes improvisado na occasião, provam que aquella senhora é o symbolo da conservação, da economia, da ordem, do amor do bom, da seriedade e da decencia!

NOGUEIRA DA SILVA.

VASCO LOPES.

GRÃO-MESTRE DE SANTIAGO.

1338.

XI.

N'aquella noite terrivel curtiram-se no quarto de Isabel extremas agonias. A imminencia d'uma desgraça tinha diminuido a preoccupação da desgraça consummada. Leonor, assaltada por terriveis convulsões, parecendo estar prestes a exhalar d'um momento para o outro o ultimo suspiro, tinha-se refugiado na camara da amiga, que a tratava com tanta dedicação e carinho. D. Mendo, meio resignado ao grande golpe que tambem soffrêra, procurára cumprir um ultimo legado, e penetrára n'aquelle intimo aposento para ver se, com algumas estudadas consolações, conseguia ao menos salvar aquella infeliz victima da mais santa das affeições.

— Dêmos treguas ao pranto (dizia D. Mendo), que o pranto não póde já restituir á vida o que morreu. Antes de despontar a luz da primeira aurora pediremos contas a esse homem vingativo e implacavel!

— Quando eu implorava humilde o perdão do infeliz, quando elle me abria com a sua promessa o coração á esperança, o barbaro exultava com a agonia d'uma pobre mulher! Disse-me que ao amanhecer viria aqui. Mas, D. Mendo, o seu criminoso furor faz-me tremer, porque é interessado em que eu desappareça de sobre a terra!

Isabel estava convulsa.

— Não tenhaes medo (disse o prior), tranquillisae-vos.

— Deve vir ao amanhecer... (repetiu ella angustiada).

— Tambem eu estarei aqui a essa hora. Tenho já em meu poder a chave d'essa escada secreta. Virei e ouvirei. Quando vos ameace o menor perigo, apresento-me diante d'elle, e fal-o-hei tremer.

As cousas estavam dispostas pelo partido do rei para recomeçar a lucta. A sedição popular, mal reprimida, dormia apenas. N'aquella mesma noite havia occasião de despertal-a. A empreza, abortada na vespera, fizera desanimar o povo; mas as hostes d'el-rei estavam ás portas de Uclés.

— Está proxima a justiça de Deus! (dizia o prior). Vereis como nós dois encontrâmos justiça.

D. Mendo abriu a porta, occultamente praticada na parede, e retirou-se.

XII.

Leonor passára a maior parte da noite em terrivel estado de agitação. Quasi sobre o amanhecer uma agonia cruel lhe arrancou do peito desesperada maldição sobre aquelle que tinha sacrificado Ramiro, e cortado com um só golpe duas existencias em flor.

Isabel acordou com aquelle anathema d'um terrivel lethargo, e achou-se em presença d'um espectaculo desolador. Ajoelhou junto do corpo insensivel, que sempre olhára com affeição tão viva e desconhecida, que parecia culto. Nos labios desbotados e cerrados eternamente depoz um beijo, em que se reuniam ao mesmo tempo todos os soffrimentos passados, todas as dores do presente, todo o pesar e incerteza do porvir, como em calix de inconcebivel amargura. Piedosa mulher do sepulchro, no sepulchro enterrava o seu amor.

XIII.

Ainda não alvorecia, quando um homem, cuidadosamente embuçado em largo manto preto, abria uma pequena porta exterior da casa de D. Sancha, fechava-a de mansinho depois de ter entrado, e subia por uma escada estreita, atravessando com ar altivo, e como pessoa de casa, varios quartos até chegar ao de Isabel, cuja porta estava fechada. Titubeou um momento, e bateu depois com a maçã da espada. Ninguem respondeu. Chamou segunda vez: o mesmo silencio. Á terceira vez repetiu as pancadas com mais força.

Isabel continuava ajoelhada junto ao leito em que Leonor jazia. Ficára sem voz, sem conhecimento, sem pensamento. O extremo da dor fizera-a insensivel. Estava com todas as faculdades d'alma embotadas, n'um desmaio interior, n'um lethargo do coração.

Ás primeiras pancadas na porta estremecêra. Não lhe occorria a menor idéa de quem podia ser. Escutou. Quando a chamaram novamente, teve medo, medo instinctivo e inexplicavel, procedido da debilidade em que a puzera o soffrimento e a insomnia. Via diante de si... o que?... o corpo inanimado d'uma mulher formosa! Lembrou-se então que o grão-mestre lhe promettêra vir restituir-lhe a filha ha tanto tempo perdida e procurada. Fechou precipitadamente todas as cortinas do leito, e foi abrir a porta.

Vasco entrou. Ao vêl-o, Isabel retrocedeu alguns passos como horrorisada. O recemvindo, com affectada tranquillidade, deixou cair no chão o manto e o chapeo, e sentou-se n'um tamborete.

— Que vindes fazer aqui? (disse Isabel arquejando desfigurada).

Aquella mulher, que um momento antes não podia nem soltar um fraco suspiro, fez com estas palavras um echo ameaçador.

Vasco olhou para ella com surpreza.

— Não estejas enojada (lhe disse elle). Socega; o ceo sabe que não podia conceder-te o que pedias, porque o prisioneiro já era então cadaver. Se assim não fosse, não vacillaria nem um instante. Se chegaram, para satisfazer aos teus rogos, a apontar-te aquelle espectaculo miserando, foi para convencer-te da sinceridade das minhas palavras. Ramiro já tinha sido decapitado.... Venho pois cumprir a minha palavra.

Isabel guardou profundo silencio.

— Concebo o furor que hontem tiveste contra mim, vendo perdidas tuas esperanças. Mas hoje, que venho restituir-te tua filha, conto encontrar a gratidão d'uma mãe.

Isabel não respondeu. Vasco esperou em vão ouvir-lhe algumas palavras: por fim continuou.

— Devia n'estes dias ter-me costumado á sem-razão e injustiça com que me tratas, para te não estranhar agora tanto. Quando meus paes me deram um dia a noticia fatal da tua morte, com lucto e tristeza honrei mais d'um anno a tua memoria. Considerando-me livre, quiz, como bom e nobre cavalleiro, guerrear a mourisma das Hespanhas, e alistei-me na milicia do seu apostolo. Em que ha n'isto crime? Arrebataram-te tua filha? A mim disseram-me que ficára abandonada por tua morte. Eduquei-a como pae carinhoso. Não estranhes que lhe professe grande amor. E has de queixar-te por isso? Chegaste a abysmar-me com rogos e ameaças: vou em fim separar-me d'uma filha estremecida, e entregal-a a ti, que nem sequer sabes o nome com que has de chamal-a, e que não podes amal-a como eu! Dou-te com ella mais que o meu sangue, porque me despedaço o coração, só para comprar um segredo fatal, para remir uma vida de tormentos, para livrar-me das cadeias com que me arrastas!

Silenciou. Irritado com a obstinada mudez de Isabel, proseguiu:

— Falla de modo que te ouça. Queres ou não tua filha?

Esta pergunta chegou subitamente á alma da infeliz, como luz repentina de relampago em noite tenebrosa.

— Quero... (respondeu ella).

— Venha o documento com que me ameaçavas... É um cambio....

Isabel, impellida machinalmente, e como se obedecesse a um magico poder, atravessou o quarto, e tirou do recondito d'um armario um pergaminho enrolado.

— O documento? (tornou D. Vasco).

— Minha filha? (replicou Isabel).

Ambos se olharam com ar de desconfiança. Nos olhos d'ambos viam-se mil duvidas e mil odios. Vasco guardava suas palavras, Isabel apertava convulsivamente contra o peito o pergaminho.

— Sou homem de honra (disse elle), sou rico homem, não procuro enganar-te. Tua filha passou a sua primeira infancia em Leão á vista de seu pae, creando-se com esmero e passando por ser filha d'um cavalleiro respeitavel, morto na guerra contra os mouros de Cordova. Se tenho fingido que está longe, é porque temia que penetrasses o meu segredo. Para guardar-lhe a innocencia busquei uma dona respeitavel, illustre pelo nascimento, piedosa pelos costumes. Assim mesmo, e apesar da constante experiencia de dez annos, nunca me resolvi a confiar-lhe um segredo que ninguem ainda n'este mundo escutou, e até hoje permaneceu inviolavel.

Parou um momento.

— Comprehendes-me?

A alma de Isabel pendia das palavras d'aquelle homem: até continha a respiração para ouvil-o.

— Comprehendes agora? A minha filha, a nossa filha está aqui mesmo, ao lado de sua mãe....

Assim dizendo estendeu o braço. Isabel, quasi desfallecida, abriu mão do pergaminho. Vasco leu o documento com avidez:

— Estamos pagos (lhe disse).

— Ainda não (tornou ella em tom de desesperação). Has de escutar-me ainda. Não sei que destino cruel me ligou a ti. Caí nas tuas seducções... abandonaste-me perfidamente... O ceo no meio das minhas desditas me concedêra ser mãe, mas a tua gente veiu arrancar-me do peito minha filha. Feriste-me o coração com uma ferida que nunca poderá cicatrizar. Vaguei pelo mundo em busca d'essa filha: uma poderosa e infernal attracção me aproximou de ti. Para mim, debil mulher, foste um fado inevitavel, foste um farol vacillante, cuja luz me enganou e attrahiu aos escolhos em que me tenho despedaçado. Suppunhate morto, e acho-te vivo em Uclés. Vim quebrar a alma na tua infausta influencia. Arrastada na tua orbitra, astro fatal, mas brilhante, tens sido sempre para mim astro de morte e de sangue. Acabarei a existencia sem que a morte me penalise: a eternidade não me amedronta, comparada aos meus pezares.

Interrompeu-se. Depois continuou bruscamente:

— Não disseste que amavas tua filha?

— Mais que o meu sangue, mais que a minha vida! Daria a minha gloria para que se não afastasse do meu lado. Se dia por dia te disputei a sua entrega, foi porque não levasses de Uclés a nossa Leonor!

— Tua filha ficará em Uclés... não acompanhará sua mãe...

— Oh! como és boa, Isabel!

Vasco levantava mãos aos ceos como em expressão de surpreza, de gratidão, de reconhecimento, quando Isabel colheu rapidamente a cortina que fechava o leito, e lhe apontou para o corpo de Leonor.

Era cadaver!

— Um assassinato! (gritou Vasco com voz clamorosa e terrivel). Ai de ti, mãe desnaturada, que has de ser julgada pelo pae e pelo Senhor!

— Sim, D. Vasco: aqui ha crime, crime enorme, execravel, assassinato infame, de que este anjo acaba de ser victima. Mas estas mãos estão puras. Só tu manchaste as tuas n'este sangue... Ramiro que amava Leonor, Leonor que amava Ramiro, ambos condemnaste á morte com um só golpe. Foste o algoz d'ambas existencias. Contempla a tua obra! Maldição sobre o assassino!...

Vasco cobriu o rosto com as mãos. Aquellas entranhas inflexiveis commoviam-se. As lagrimas que lhe borbulhavam nos olhos espirravam-lhe por entre os dedos. Tinha esquecido a mulher que o estava contemplando.

— A maldição do prior (disse Vasco) caíu sobre a minha cabeça!

— E não foi só essa. Teme outra não menos solemne e justificada! A innocente que alli está sem vida, tambem te amaldiçoou ao espirar! E eu tambem te maldigo! Que o céo grave em teu rosto este triplice anathema com caracteres de fogo!

Isabel arrojou-se de novo sobre o cadaver, e cobriu de beijos e lagrimas as mãos de sua filha.

XIV.

A porta secreta por onde havia saído D. Mendo tinha-se aberto mansamente, e o prior, pé ante pé, viera pôr-se por detraz do grão-mestre.

Vasco, lançando para Isabel vistas de indignação e de desprezo, disse:

— Separâmo-nos, e já nada ha que possa ligar-me a ti. Este pergaminho me desprende e me liberta. Se ainda ousasses dizer ao mundo que eras minha esposa, verias como te confundia e aniquilava, como as chammas vão aniquilar este documento...

Estendia o pergaminho sobre a luz da lampada para queimal-o, quando a mão do prior lh'o arrebatou. Uma terrivel convulsão se apoderou então de todo o corpo de D. Vasco.

— É tarde!... (gritou o prior cobrindo-se com uma multidão de homens armados, que pela porta secreta invadiam o quarto, commandados por um moço amigo e companheiro de Ramiro).

Os punhaes brandiram-se e refulgiram sobre a cabeça de Vasco Lopes, que, senhoreado por tão encontradas commoções, enfraqueceu. Isabel desmaiou.

O que capitaneava os parciaes do prior e do rei impediu que dessem alli mesmo morte ao grão-mestre. Em quanto isto se passava no aposento de Isabel em casa de D. Sancha, toda a povoação de Uclés estava em alarma.

As armas de Affonso XI chegavam alli. Os cavalleiros, adormecidos na confiança do triumpho, surprehendidos de repente, desanimados pela falta da presença do grão-mestre, rendiam-se ás intimações.

No mesmo dia era Vasco Lopes suspenso do mestrado, e D. Mendo determinava que o conduzissem a Ocaña, descalço e maniatado como vil malfeitor. A maldição perseguia-o.

No caminho, subornando parte da escolta, Vasco achou meio de escapar-se. Entrando no castello de Montanchez, tomou o thesouro da ordem, e as alfaias preciosas que os grão-mestres seus predecessores alli tinham depositado, e passou a fronteira de Portugal.

Isabel acabou inconsolavel n'um convento o resto de seus dias.

CONCLUSÃO.

Passado pouco tempo, o prior D. Mendo presidia em Ocaña a um capitulo da ordem de Santiago.

Consta dos annaes da ordem, que dois cavalleiros accusaram D. Vasco de concubinato, de cunhar moeda falsa, de delicto de lesa-magestade, de ladrão do thesouro da ordem, e de transfuga. Os accusadores affirmaram que podiam provar estes delictos. Foi quanto bastou para que sem mais tramites, sem mais informes, sem mais processo, o capitulo o sentenceasse e depozesse! Estava julgado d'antemão, porque convinha a Affonso XI que o mestrado de Santiago vagasse.

Toda a corte, todos os cavalleiros estavam reunidos na egreja de Ocaña. D. Fradique, filho d'el-rei, menino de sete annos, ia tomar o habito de Santiago. Presenceavam a ceremonia seus irmãos o infante D. Pedro, Henrique de Trastamara, e D. Tello.

Quem podia prever n'aquella hora que este mesmo D. Fradique devia um dia ser assassinado no alcaçar de Sevilha, por ordem e á vista de seu irmão o mesmo infante D. Pedro! Que o infante D. Pedro devia morrer assassinado, em lucta fratricida, nos campos de Montiel, pelo punhal de Henrique de Trastamara!

Fradique foi com effeito eleito, alli mesmo, grão-mestre da ordem.

Affonso XI mandou uma embaixada ao papa Clemente VI, sollicitando que approvasse esta eleição. Dizia-se que era um dos reis, que mais serviços tinha á christandade, por combater muito a mourisma, e respeitar não menos a santa sé. Seria por isso que o papa recebeu com jubilo a eleição d'um grão-mestre de sete annos; que a approvou e deu sua benção apostolica ao eleito, não obstante lhe faltarem todas as qualidades que os estatutos requeriam para o cargo?

Foi por este e por outros successos, que já n'aquella epocha se começou a dizer: — *Lá vão leis onde querem reis.*

JOSÉ DE TORRES.

GALERIA DOS HOMENS UTEIS.

O PARMENTIER.

(Conclusão).

Para conhecer bem o grande serviço que Parmentier fez á humanidade, propagando a cultura da batata, é necessario reportarmo-nos á epocha em que deu principio ao seu trabalho. Havia então frequentes carestias de trigo, um dos motivos que levou a academia de Bezançon a propor a referida memoria (1771). Examinando todos os fructos ou raizes que satisfaziam ao fim da Academia, Parmentier não fez mais do que revelar os seus primeiros pensamentos, concebidos em Allemanha, sobre a utilidade do *solanum tuberosum*. Esta planta, transportada do Perú para a Europa, desde os primeiros annos do seculo XVI, tinha sido já cultivada na Italia, descripta pelo sabio botanico francez Clusius, cultivada na Allemanha em principios do decimo-setimo seculo, introduzida na França, propagada nas provincias do meio-dia, em Limousin e Anjou, por diligencias de Turgot, mas sempre desprezada e repulsada pela rotina e ignorancia, que a olhavam como produzindo lepra, ou, pelo menos, febres, e por isso a cultivavam só para os animaes. Parmentier fez-se proposito de refutar tão crassos erros, e demonstrar que este tuberculo, pelo seu modo de producção, zomba das intemperies das estações, e não póde, pelo seu volume, prestar-se muito aos avidos calculos dos monopolistas; que mui bem substitue o trigo nos tempos de carestia, e mesmo nas boas colheitas.

«Quando se pensa, diz mr. Sylvestre, que a cultura d'esta solanea era quasi desconhecida, ha quarenta e cinco annos, e se colhe agora sobre o solo francez *cincoenta milhões de hectolitros*, equivalendo ao decimo da massa dos nossos cereaes, pergunta-se naturalmente quaes foram os recursos d'um unico homem para obter tão prodigioso resultado!» É que Parmentier era animado da paixão e do genio da beneficencia, que amava com todas as forças da sua alma.

A sua grande experiencia, na planicie das Areas, é famosa. Quiz, antes de tudo, ferir a imaginação dos parisienses. Mais de cinco mil varas quadradas das estereis areias d'esta planicie, concedidas a Parmentier, appareceram cultivadas pela primeira vez. Riam-se da loucura do bom Parmentier. Mas, finalmente, a vegetação apparece, brotam as flores, amadurecem os tuberculos. Luiz XVI recebe de Parmentier e apresenta, n'uma recepção solemne, um ramilhete d'estas flores, que os grandes senhores e as damas vulgarisam desde logo. Durante o dia, guardas collocadas á roda do campo, excitam a curiosidade da multidão, e como estas se retiram ao pôr do sol, avisam Parmentier que durante a noite lhe roubariam as suas batatas. Transportado d'alegria, recompensa generosamente quem lhe leva a noticia d'este successo de novo genero. Dá então um grande banquete, onde Franklin e Lavoisier assistem. A batata, disfarçada sob todas as fórmas, constitue a substancia de todas as iguarias. Os proprios licores eram extrahidos d'ella. O mais triumphante successo recompensou tanto zelo e tantos esforços. O reconhecimento da verdade que Parmentier proclamava tornou-se então geral. Tal é a historia do engenhoso meio pelo qual o povo se convenceu de que as batatas não causam lepra, nem febre, e podem substituir o trigo, nutrir-nos, em fim, sob mil saborosos modos.

Parmentier escreveu muitas obras, cujas principaes são: uma traducção das *Recreações chimicas* de Model, ornada de interessantes notas; o *Perfeito padeiro* (1778), que fez epocha na historia d'esta util profissão; um tratado *Sobre a castanha* (1780); um outro tratado *Sobre o trigo da Turquia* (1784); *Methodo para conservar o trigo em grão e as farinhas* (1784); uma memoria *Sobre as vantagens que o Languedoc póde tirar dos seus trigos* (1786); e um tratado *Sobre a cultura da batata* (1789).

Todas as sociedades scientificas lhe enviaram diplomas. O Instituto nacional chamou-o ao seu gremio. A Sociedade d'Agricultura de Londres, onde foi enviado conjunctamente com M. Huzard, como deputado da Sociedade d'Agricultura de Paris, recebeu-o com a maior distincção. Na sua volta, communicou as importantes observações que tinha feito sobre a agricultura d'Inglaterra comparada com a de França. Para dar noticia de todas as obras d'este laborioso e sabio philanthropo, seria necessario escrever mais d'um volume. Contentemo-nos em apontar os dois grandes beneficios de Parmentier: a introducção da batata na França, e, hoje, na maior parte do mundo, e o xarope d'uvas, *o pão e assucar do pobre*, como elle lhe chamava.

Honrado da estima e affeição dos sabios, mas profundamente affectado pela perda de sua irmã, a quem muito queria, e pelos males que desolavam a França, n'esta epocha, Parmentier deixou-se roubar á humanidade, a 17 de dezembro de 1813.

O elogio de Parmentier pelo doutor A. Miguel foi o que obteve o premio proposto pela Academia d'Amiens. Mas o melhor elogio de Parmentier, como o de todos os homens que se votam a beneficiar a humanidade, está no resultado das suas caridosas fadigas.

ENIGMA.



Domingo.

Segunda feira.

Terça feira.

Quarta feira.

Quinta feira.

Sexta feira.

Sabbado.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão Rua da Boa-Vista 4 F